

PALAVRAS QUE NOS REPRESENTAM: identidades tecidas no ensino de literatura potiguar

André Magri Ribeiro de Melo

andre.letraslp@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: O trabalho em questão tem como escopo a reflexão em torno das relações entre formação humana, identidade e ensino a partir do texto literário em espaços escolares. O objeto de discussão é a literatura potiguar, preâmbulo de significação dos sujeitos norte-rio-grandenses dentro das suas realidades e de ressignificação da cultura e da memória populares nos contextos de produção e circulação dessa literatura. Para essa leitura da palavra potiguar, valemo-nos das contribuições de Cosson (2006; 2010), Candido (2007), Pinheiro (2007), Matias-Ribeiro (2011), entre outros. O que se espera é diversidade no que concernir às leituras do que ora escrevemos, todavia sem distanciarmo-nos da perspectiva que adotamos aqui: a de que a literatura é, por essência, humanizadora, (trans) formadora.

Palavras-chave: Literatura Potiguar. Identidade. Ensino.

Leitura do mundo, leitura da palavra: o caso da literatura potiguar

Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra.

(Bartolomeu Campos de Queirós)

O primeiro espaço da literatura na sala de aula deve ser o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem a ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. De acordo com Cosson (2010, p.58), “um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura no ensino, o espaço do texto literário em

sala de aula”. Para o crítico literário, Tzvetan Todorov (2009, p.36), “a carência e escassez de práticas de leitura efetivas em sala de aula são reflexos da má formação dos professores, que por sua vez não são leitores”.

Nossa discussão em torno do porquê de ensinar a literatura potiguar na escola segue sua trajetória propondo uma reflexão que alia aspectos da historicidade da literatura em nosso Estado à discussão a respeito do valor dessa literatura para a ressignificação identitária dos potiguares. Nesse caso, os alunos da educação básica. Pensar numa prática pedagógica que priorize a investigação histórica no sentido de compreender os porquês em torno da nossa literatura não ser estudada nas nossas salas de aula é um objetivo que perseguimos constantemente e, ratificamos, constitui uma busca contínua no processo de formação docente. Ler a nossa literatura, entender sua relevância e promover a escolarização – no melhor sentido da expressão – subentende algo mais que boa vontade ou senso de patriotismo. É uma questão de afirmação, pertencimento e valorização do que somos, enquanto seres de linguagem. Desvelemos esse caminho.

Do final do século XIX até 1920, a produção literária potiguar começa, partindo de lapsos literários descentralizados, a se constituir enquanto sistema interligado. Surgem, então, autores que ainda hoje servem de referência à produção local, como Ferreira Itajubá e Auta de Souza. Cabe assinalar que, neste período constituinte, as manifestações artísticas ocorrem predominantemente no campo da poesia. Adotamos aqui, como lema, as palavras de Candido (2000, p. 10), que nos ajudam a expressar concretamente nossa real motivação quanto ao estudo da literatura potiguar nas escolas e na vida: “(...) é ela, não outra que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão”.

As palavras do crítico literário Antonio Candido devem ser compreendidas aqui como atenuantes da importância do ensino do texto literário potiguar em sala de aula. Não por ser fraca, não por ser pobre. Mas por estar encoberta, guardada e enclausurada nela mesma, digna de uma esfera intelectual muito restrita. Precisamos, nesse sentido, reconhecer o que é nosso e a literatura potiguar é nossa, porque foi feita por nosso povo. Essa consciência precisa ser construída partindo do pressuposto de que a prosa e, principalmente, a poesia potiguar respondem à nossa condição de sujeitos oriundos desse chão. O valor dessa

literatura está além do texto como objeto, porque nos diz (ou deveria nos dizer) das continuidades das artes da palavra na vida, dando ao texto a condição de trampolim à realidade, tendo em vista que lendo a produção norte-rio-grandense, temos a oportunidade ímpar de reconstruir nossas imagens e autoimagens, quem somos. Ao menos, enquanto potiguares.

O texto poético está notadamente imbricado na história de formação da nossa literatura. Surgida no século XIX, em condição impressa, essa literatura própria ao Rio Grande do Norte consolida-se no século XX, em meio às conturbadas manifestações modernistas e aos alaridos políticos de uma sociedade que vivenciava o sangue pisado em suas bocas, coagulado pelas mordanças de uma ditadura cruelíssima e que nada deveu às que se instauraram anterior a ela. É a poesia nosso instrumento de resistência, enquanto povo potiguar.

A apropriação do texto literário potiguar, através do ensino, contempla nossa discussão no sentido de que somos potiguares; contudo, é a autonomia de cada um em desvelar o horizonte diante dos textos dos nossos escritores que marca propriamente o porquê desse ensino. Esse desvelamento está intrinsecamente ligado às reflexões em torno da identidade cultural na pós-modernidade que Stuart Hall (2006) elucida. Para o autor, o homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Nossas vivências, bem como as premissas de Hall, nos levam a crer que certas mudanças estruturais – inclusive no campo da educação – estão fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. E, confluindo posicionamentos, percebemos que se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

O estudo a que nos propomos necessita da apreciação do debate identitário na contemporaneidade por contemplar a relevância do ensino da literatura potiguar em sala de aula como forte instrumento no processo de ressignificação da identidade de cada aluno, enquanto cidadão-sujeito do mundo potiguar. Falar de identidade aqui é dar ao texto literário uma dimensão que transcende a tinta e o papel, construindo sobre a égide da literatura potiguar uma valoração que toma várias rotas – poesia, prosa, cordel – para aportar num (possível) lugar comum: ensinar literatura potiguar na escola para aflorar no aluno a sensibilidade diante do

texto literário, para não apenas olhá-lo, mas enxergá-lo além da palavra, depreendendo o que a leitura diz sobre cada um de nós. Alinhando-nos ao princípio emancipatório de José Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira*, somos seres que vendo não veem, assim como somos potiguares que escrevendo, não (nos) lemos.

É importante destacar, ainda, nesse cenário da literatura norte-rio-grandense os representantes da poesia marginal dos anos 1970 e 1980, construída a partir de três poetas que participaram ativamente do período: Antonio Ronaldo, João Batista de Moraes Neto (conhecido como João da Rua) e Marize Castro. Nesse período, houve grupos de poetas que se destacaram pela produção marginal. Matias-Ribeiro (2011, p. 45) nos lembra que “eles mimeografavam seus poemas em papéis fajutos e os lançavam para a efemeridade. Muitos desses poetas e poemas foram esquecidos. Não foram respeitados pela academia.”

Essa ideia de esquecimento permeou toda a história da nossa literatura, não apenas no que se refere aos “marginalizados literários” das décadas de 1970 e 1980. Nossa produção não é deveras vasta, ao passo que também não foi (salvo momentos raríssimos) divulgada em contextos extralocais. Inquietamo-nos nesse momento ao pensar que essa seja uma das possíveis respostas para o desaparecimento da literatura potiguar na sala de aula. Aliás, não se pode dizer que ela apareceu, propriamente. Talvez nossa história não tenha experimentado, nas escolas potiguares, o gosto da poesia de Zila Mamede ou a soturnidade de muitos poemas de João Lins Caldas. Se desde sempre fora esquecida diante das classes menos favorecidas, marginalizadas e postas sempre à margem nos processos sociais, fica contraditório, e soa profundamente ilusório, pensar que essa literatura – desde sempre aquietada – sairá do seu lugar apático sem que haja um esforço integrado para o (re) nascimento dela entre nós, potiguares, e para o mundo. Pensar na relevância dos textos literários potiguares aparecerem na esfera escolar é pensar nesta saída como sendo a mais ideal para dar o lugar de direito à nossa literatura.

Ler a incompletude...

No início do texto, nos questionávamos sobre o porquê de ensinar literatura potiguar na escola. Já conversamos por certo tempo, dialogando entre a função artística e o perfil social e humanizador da literatura. Uma conclusão importante é que, de forma alguma, acreditamos que esse trabalho esgota as possibilidades de

resposta à pergunta que motivou nossa escrita até então. Destacamos, pois, que: (a) lendo nossa literatura criamos novas possibilidades de ressignificar nossa identidade enquanto potiguares; e (b) levar a literatura potiguar às salas de aula oportuniza a construção de espaços sólidos e eficazes na disseminação da produção literária do RN, possibilitando também sua leitura, estudo, análise e crítica. Se a pergunta é por que (não) ensinar literatura potiguar na escola?, chegamos a um ponto do trabalho que nos diz da necessidade de concluir esse ciclo de reflexões pedagógicas em torno das funções e usos da literatura na escola: estudar literatura, inclusive a potiguar, é dar a todos o que por direito é de todos: possibilidade de transformação por meio da palavra, da leitura – de si e do mundo, como preconizou o maior mote da nossa discussão acerca das leituras da palavra, das leituras do universo literário potiguar, Paulo Freire.

REFERÊNCIAS BÁSICAS:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MATIAS-RIBEIRO, Marcel Lúcio. A efervescência da poesia nos anos 70 e 80: escritores marginais. In: **Literatura Potiguar na Sala de Aula**. Natal: UAB/IFRN, 2011.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: "Os amores difíceis". In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Leituras literárias:** discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo** (trad. Caio Meira). DIFEL: Rio de Janeiro, 2009.